



DIRETOR	MARIO CASTELHANO	EDITOR	SILVINO DE NORONHA
ASSINATURA			
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL			
PAGAMENTO ADIANTADO			
Continente, colônias e estrangeiro	Meses	Preços	
Lisboa	1	9850	
Província	3	2850	
Africa portuguesa	6	6600	
Estrangeiro	6	10200	

Vertendo águas... políticas

O sr. Carlos Pereira ainda insiste lemosamente em conseguir eternizar o singular privilégio conquistado, durante anos, pela Companhia de que é director; o privilégio de condenar a cidade aos riscos dum grande incêndio e de condenar a população à tortura da sede e ao sacrifício da sua higiene.

Toda a imprensa, mesmo a chamada imprensa burguesa, aquela que age em defesa dos interesses privados antagónicos e nefastos ao interesse colectivo tem verberado, com indignação, o crime cometido pela Companhia das Aguas.

Essa entidade tem o monopólio do abastecimento da cidade; para que esse monopólio pudesse existir a condição fundamental seria a de fornecer água à cidade. Tem acontecido, exactamente, o contrário: a Companhia das Aguas aproveitou a sua situação privilegiada, excepcionalíssima, para zombar da população, usando de todos os trucos, barricando-se atrás de tódas a espécie de sofismas para reduzir a cidade a um consumo de água que, nalguns meses, não chegava para 10% da população.

A questão do abastecimento das águas tem vindo arrastando-se, de ano para ano, sem outra vantagem que não seja o aumentar o preço da água e aumentar a quadra do ano em que ela falta. Dentro em pouco a continuar a progressão no aumento de preço e a progressão na escazez daquele líquido, a população tinha que chegar à conclusão de que a Companhia das Aguas tinha como objectivo supremo, como fim exclusivo da sua actividade, reduzir a cidade a viver da água das chuvas!

Os processos do sr. Carlos Pereira à fôrça de usados desacreditaram-se; os seus expedientes gastaram-se, deram o que tinham a dar: a convicção inofensável de que a cidade estava sendo vítima dum comédia e duma burla. As conferências do sr. Carlos Pereira—orador de água doce, Demóstenes de doca seca—que eram exteriorizações grotescas da vaidade dum homem que imaginava suprir a água com a sua lábia, embalar as vítimas com a romanha dumas obras que nunca mais se faziam, constituíam uma provocação evidente e o mais insolente dos desafios à impunidade que sempre o tem favorecido.

Mas, o sr. Carlos Pereira é monárquico—um monárquico que nunca desdenhou receber favores de muitos ministros do Comércio—e como tal conseguia sempre introduzir no defunto jornal *O Dia* a defesa da Companhia das Aguas. Agora, ainda tem dois jornais em que se apoia e que, dedicadamente, o apoiam—o *Correio da Manhã* e *A Voz*—dois jornais que colocam os interesses privados dum correligionário acima dos interesses da população.

Isto revela bem até que ponto a corrupção alastrou. Que singular justiça, que iníquo critério adoptaram esses dois jornais! A Companhia das Aguas, porque o seu director é monárquico, pode cometer todas as tracícias, praticar todas as fraudes, ser origem de todos os perigos, causadora de muitas epidemias—e a população que se curve subjugada e vencida por que o homem é monárquico e o *Correio da Manhã* e *A Voz* também o são.

A política das ideias transformada, não, subordinada à política dos compadres. E para se tornarem cúmplices do correligionário sacrificam a população e desprestigiaram-se, provando público e razo que, se os que atacam estão corrompidos até à medula, eles não estão numa corrupção de menor grau.

E são estas vestais deterioradas quem se atreve a falar em moralização a propósito de tudo! Afinal de contas tudo se resume no seguinte: se a imoralidade dá vantagem a um republicano grita-se, barafustá-se, mas se dá lucro a um monárquico então tudo está muito bem; defende-se mesmo a imoralidade!

A atitude de *A Voz* não nos causa surpresa, desde a famosa questão das acções da Beira Alta e outras acções do mesmo quilate!

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil as boas donas de Deus. Preço 2500; pelo correio, 2800. Endereços à administração de A. Batista.

A.C.P. EM FOCO

Na assemblea geral de ontem provou-se que aquela empresa é mal administrada

Reuniu ontem a assemblea geral extraordinária da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, para se ocupar duma nova emissão de obrigações e alienação de alguns troços de Lisboa.

O assunto prometia escândalo, pois sabia-se que alguns obrigacionistas do 2.º grau, sentindo-se prejudicados, iriam ali levantar questão, tanto mais que há dias haviam entregue ao ministro do Comércio uma reclamação, que tinha este fecho bem expressivo:

"Rogamos a v. ex." as provisões que tiver por convenientes, para que sejam integralmente pagos, nos devidos prazos, os juros das obrigações do 1.º grau, bem como iniciar o pagamento dos juros das do 2.º grau, visto para isso a Companhia ter receita e tudo nos indicar ser próspera a sua situação financeira, bem como proceder às amortizações regulares de um e de outro grau, nos precisos termos do convénio de 1894 e correspondentes estatutos.

Ora isto, aliado à circunstância de a Companhia estar vivendo ainda em virtude de um convénio feito por concordata com os credores, em 1894, sem o qual teria falido, prometia uma sessão cheia de incidentes e até de revelações sensacionais. E assim foi.

A direcção da Companhia sofreu os mais rudes ataques da parte de alguns accionistas, que são simultaneamente obrigacionistas, não tendo logrado, a-pesar-de-as suas propostas terem obtido aprovação da maioria da assemblea, que elas produzam os efeitos desejados, em virtude de dois protestos que foram apresentados.

A primeira proposta do conselho de administração

A sessão abriu às 15 horas, usando da palavra, logo de inicio, o sr. Vasconcelos Correia, vice-presidente do conselho de administração, que, depois de se referir à proposta aprovada na assemblea de 3 de janeiro último, pela qual foi o conselho de administração autorizado a concorrer à adjudicação dos Caminhos de Ferro do Estado, "podendo para isso fazer propostas, licitar, outorgar o subsequente contrato e praticar os demais actos que entender por convenientes, incluindo, se necessário for, a emissão de obrigações nos termos do artigo 3.º do § 5.º dos estatutos", apresentou uma proposta, pela qual o conselho ficava autorizado a emitir obrigações, cujo produto seria "únicamente destinado a reembolsar o Estado do valor dos stocks de abastecimento que a Companhia tem de lhe comprar e ao custeio das linhas cuja exploração por ele foi adjudicada à Companhia, não devendo o juro efectivo exceder 9%", ao ano, e devendo a sua amortização, que seria feita por sorteio ou compra no mercado, exceder 30 anos.

A primeira voz discordante

Admitida a proposta, foi dada a palavra ao dr. sr. Amândio de Campos, um dos signatários da reclamação entregue ao ministro do Comércio. Começou por ler a cópia da aludida reclamação e depois, entrando em considerações, mostrou, valendo-se dos relatórios das gerências anteriores, que a verba prevista e votada em 1925 chegava para pagar o juro de 1915 das obrigações do 1.º grau, o que no entanto não obstava a que esse pagamento se não fizesse. Porque motivo não se pagou aos obrigacionistas, que são credores privilegiados da Companhia?—perguntou:

—Porque motivo se não cumprem os estatutos e o convénio de 1894? Fala-se para a maioria da organização superior da C. P., mas que organização é essa, que faz com que a Companhia se encontre numa situação que é única, em relação a todas as outras companhias portuguesas?

O orador enumera a seguir as várias companhias de caminhos de ferro que, embora mais pequenas que a C. P., pagam em dia aos seus credores, chegando à conclusão de que em Portugal as grandes companhias ou empresas dificilmente prosperam.

O dr. sr. Amândio de Campos alonga-se num largo exemplificação do seu critério, provando que a C. P. podia pagar aos seus credores afirmando a certa altura:

A folhas 8 do relatório de 1925, lê-se o seguinte: «O material circulante está ainda muito longe de atingir o número de unidades indispensáveis para que o público seja bem servido; há que dispensar ainda avaliações somas com a ampliação de estações, construção de oficinas, compra de máquinas, ferramentas etc., não esquecendo a aquisição de material fixo para renovação da via e conclusão da via dupla entre Lisboa e Pórtio. Tudo isto absorverá durante muito tempo, uma grande parte das receitas da Companhia».

Logo, que perspectiva nos guarda o Conselho de Administração, para o qual não há lucros que cheguem?

Se a culpa é do Estado, éste que arrende a parte que lhe compete à Companhia Portuguesa

E a concluir:

«Concluirei que é a C. P. a única empresa em Portugal que tira de lucros 30 por cento da sua receita bruta, enquanto que as outras empresas congêneres apenas dispõem de 10 por cento da mesma receita. Estas últimas têm em dia o pagamento das obrigações e algumas já distribuíram dividendos às acções. A C. P. com lucros três vezes maiores ainda nem sequer tem em dia o pagamento de parte das obrigações.

Porque será? Por ter o Estado interferência na sua administração? Não sei, mas se assim fôr, façam os meus votos para que ele, à semelhança do que fez com as linhas que eram exclusivamente suas, como dispõe os destinos desta empresa, a arrende a uma entidade particular que respeite me-

lhore os compromissos tomados para com aqueles que lhe confiaram os seus capitais.

Um protesto

Seguiu-se no uso da palavra o dr. sr. Humberto Peláez, que mandou para a mesa um protesto, no qual depois de considerar o disposto no artigo 181.º do Código Comercial, sobre convocações de assembleias gerais, que não foi cumprido, em seu entender, concluiu da seguinte maneira:

"Protesto pela nulidade da convocação da assemblea, e, como sua consequência necessária, protesto pela nulidade da sua constituição e das deliberações que nela fôrem tomadas, requerendo que este protesto conste da acta, em seus precisos termos, para todos os efeitos legais, e, nomeadamente, para os previstos no Código de Processo Comercial."

Falou depois o sr. Campos Figueira, que disse estar ali a tratar-se de um assunto que não estava na ordem dos trabalhos.

Voltou a falar o dr. sr. Amândio de Campos que discordou das considerações do orador antecedente, afirmando que o, que se está passando representa o descrédito e a falácia da Companhia.

O dr. sr. Correia Guedes considerou-se satisfeito com a aquisição das linhas do Estado pela C. P., afirmando a propósito que o povo recebeu com aplausos essa transacção, com o que nos permitimos discordar, por ser menos verdadeiro.

Terceira voz discordante

Usa agora da palavra o sr. Graciano Ferrá, um dos signatários da reclamação entregue ao governo.

Concorda que no futuro a C. P. possa dar dividendo, como disseram alguns oradores, mas parece-lhe que esse futuro vem tão longe, que dará tempo para os actuais accionistas e obrigacionistas morrerem de fome.

O sr. Vasconcelos Correia, em nome do Conselho de Administração, disse que os accionistas quiserem receber 720 contos, teriam de aprovar a proposta feita, caso contrário, perde-lhes.

Houve quem se manifestasse a favor, contudo, com o bôlo prometido, mas os reclamantes que não concordaram e prosseguiram no seu ataque à direcção da Companhia.

Usa novamente da palavra o sr. Campos Figueira, que apresenta um contra-proposta afirmando que não tem razão de ser alegações do sr. dr. Humberto Peláez, no seu protesto.

Mais uma vez volta a falar o sr. dr. Amândio de Campos, que agradece aos deputados que apoiaram a sua proposta, para que sejam destinados a reembolsar o Estado das antigas linhas do Estado podem dar prejuízo, não compensando os sacrifícios feitos e impostos pelo Conselho de Administração.

O orador terminou as suas considerações por afirmar a sua discordância com as explicações dadas pelo Conselho de Administração e por protestar contra tudo quanto se estava passando.

Esta proposta obteve aprovação unânime, não tendo incidido sobre ela discussão.

NO REGIME CAPITALISTA

NOTAS & COMENTÁRIOS

Beneméritos...

A Exposição do Rio de Janeiro como, na devida altura, o revelámos nas nossas colunas, constituiu um autêntico escândalo, pois em vez de se fazerem os pavilhões do Estado, construiram-se, com o dinheiro a eles destinados, prédios e palacetes de luxo para alguns dos que lá estavam aninhados em densíssimos lugares.

Estamos, porém, convencidos de que se todos os culpados desses roubos forem julgados se provará que eles só merecem a absolvição. Da facto foi tão grande o seu zelo em enriquecerem à custa de todos nós que até de vontade de proclamar os beneméritos deles.

Se calhar...

O órgão oficial da causa monárquica finge cautelosamente de responder aos ataques que formulámos acerca do seu apoio, devendo suspeito, à situação militar.

Mas a verdade, por muito que a ocultem ou dissimulem, escapa, como a corta, por vir a lume de água. Ontem, por exemplo, o seu fundo, revelava a manigândia da sua atitude, neste período bastante significativo:

«Nem sequer temos feito com a necessária larguez a defesa dos principios políticos que julgamos os únicos capazes de fazer grande Portugal, contrariamente ao que fizemos, sempre, no consulado democrático, onde aliás seia dito em abono da verdade, não tivemos nenhuma limitação para a nossa propaganda.

Já a bôca lhes foge para a verdade... Gostávamos, porém, que nos dissesse se a sua propaganda é motivada por amor... ou si...

Outras notícias

A política no reformismo sindical

NOVA YORK, 19.—O conselho das Trade Unions dos Estados Unidos, numa reunião a que assistiu o ex-presidente do conselho russo, Kersenski, publicou uma nota mostrando-se contrário ao reconhecimento do governo dos soviéticos, acrescentando que os trabalhadores americanos não desejavam as «felicidades» do comunismo, pois que os trabalhadores russos estavam sofrendo uma repressão sem precedentes.

(L.)

A emigração no Canadá

OTTAWA, 19.—O governo canadense determinou que, em consequência da grave crise industrial, sejam repatriados todos os estrangeiros que não querem dedicar-se a trabalhos agrícolas. (L.)

Tratados de comércio

ANGORA, 19.—Foi entregue pelo governo turco ao ministro da Bulgária, o plano das bases em que deve assentar o tratado de comércio entre os dois países. (L.)

bolxevismo, é tão bom para estes processos que os do jornal, como ele não existe, recorrem ao triste, mas lucrativo, expediente de inventar!

E o maroto da

chantagesinha sugestiva.

EFEMERIDES!

20 de Maio

- 1864.—Tchernychevsky, escritor russo, é condenado a trabalhos públicos na Sibéria.
 1873.—O governo da república espanhola suspende o jornal anarquista *A Federação*, que se publicava em Barcelona.
 1875.—Inaugura-se o Caminho de Ferro, do Minho.
 1888.—Graves tumultos em Almada, motivados pela prisão arbitrária de dois populares, chegando a tropa a fazer fogo, ferindo gravemente um manifestante.
 1909.—Declaram-se em greve 12.000 operários da Sociedade Mineira da Boemia ocidental.
 1913.—Em Comercy e em Lerouville os soldados franceses cantam, nas casernas, a *Internacional*.
 1921.—Representa-se, pela primeira vez, no teatro do Gimnásio, a peça *Adão e Eva*, de Jaime Cortezão.
 1924.—Em Lisboa solucionam-se vitoriosamente a greve dos transportes, retomando os grevistas o trabalho.

RELIGIÃO E SCIÊNCIA

Na Gazeta de Coimbra, em qualquer se-
mestre X. X. publica um substancial artigo
sobre coima, com o espetáculo titulado:

Religião e Ciência.

Em síntese, o senhor X. X. afirma: «Cau-
chy, Ampère, Pasteur e outros
dos maiores da ciência francesa, dão tes-
timunho de que o sentimento religioso se
não opõe à ciência, nem esta àquele.»

Mas, logo adiante, o senhor X. X. se con-
traíz, escrevendo acertadamente: «Razão e Fé têm os seus domínios que se não con-
fundem... Logo mais adiante, volta, porém,
a dizer o contrário: «A Religião e a Ciên-
cia podem viver unidas... Quer dizer, a Re-
ligião e a Ciência, isto é, a Razão e a Fé,
podem viver unidas... com os seus domí-
nios bem separados. Aplicada esta lógica
ao senhor X. X., poderia dizer-se: O senhor
pode coabitá com a senhora D. V. V., es-
tando esta em Coimbra — e ele na Patagó-
nia.»

O que não devia faltar é o respeito pelas
evenções dos outros — acrescenta, depois, o
senhor X. X., talvez com o receio funda-
mentado de que o público de Coimbra lhe
comemore as formidáveis burriscas teoló-
gico-scientíficas, com uma estátua... de-
sapo!»

Mas o senhor X. X. não termina por aqui
as suas formidáveis e pirâmides relações
— fruto, sem dúvida, dum alturado estudo
sobre... as páginas das *Novidades*. — O se-
nhor X. X. escreve ainda: «Estas coisas
colossais: «O ateu está condenado a passar
por toda a espécie de servidão, escravo do
príncipe das trevas, escravo dos instintos,
dos apetites mais vis, desde tão baixo, que
se lhe apaga a luz da Razão. Chega a ofus-
car-se-lhe a inteligência a tal ponto, que
compreende que só lhe pode ser Deus.»

Outro período de oiro: «O cristianismo
fez a emancipação dos escravos, casou o
poder com a razão, com a caridade e com
o amor. Fez a imensa obra de transforma-
ção social. Ensinou o bom caminho. Os
homens que faziam o resto, segundo-o.»

Como os leitores estão vendo, isto é que
é filosofar!...

Não há que ver, foi ao sr. Gamboa e ao
sr. Ross — das *Novidades* — que ele foi be-
ber tamanha erudição... Chamaremos a
isto argumento de *xix xix* — para não dizer
de outra coisa...»

Mas o que os leitores ainda não sabem é
que o mesmo senhor X. X. vem na 2.ª pá-
gina do mesmo jornal com um outro artigo,
este de propaganda taurináquica, lamen-
tando nêle que o público coimbrão não te-
nha sabido corresponder, como devia, aos
esforços que os proprietários do Coliseu
de Coimbra — tão abnegados como os do
Smart Club... — vêm realizando para bem do
progresso desta cidade.

«Pretenderá, porventura, o erudito colab-
orador da *Gazeta de Coimbra* provar-nos
igualmente, com o mesmo formidável e in-
trapassável poder de lógica... acadiana,
que a Religião e a arte de Montes não são
antagonistas?»

Algúra-se-nos que isso não será tarefa
para fazer suar. Ninguém ignora — o pró-
prio senhor X. X. será capaz de o confessar — que a grande maioria dos que, como
o senhor X. X., vão ao domingo aos re-
dondes bater palmas, sadiicamente inebriados, pelo espetáculo do sangrento mar-
tirio lento dos bois, lôra, antes, ao templo
de deus, digerir a sagrada partícula, na
qual está consubstanciado o corpo e a alma
daquele que pregou o Amor...»

Ah! senhor X. X., quem lhe ergueus uma
estátua... com o próprio pau-dar-dos
toros cujo martírio o senhor defende, uma
estátua que ficasse atestando aos posteriores
que pelas margens do Mondego passou um
homem que foi um dos maiores gênios
— asneira!...

Rafael MALAGUERRA

NOS BANCOS DA TERRA NOVA

A correspondência postal

Segundo as resoluções tomadas pela
Administração Geral dos Correios e Tele-
grafos, serão em Lisboa fechadas malas do
correio para garantir o transporte hos-
pital Gil Eanes, e para as guarnições de
toda a Flotilha portuguesa de pesca nos
Bancos da Terra Nova. Até ao dia 1 de
Junho próximo futuro as franquias das car-
tas serão de 1\$49 por carta, e do dia 1 de
Julho próximo futuro em diante serão de
1\$20 por carta. As cartas e mais correspon-
dência postal devem ser subscritas pela
forma seguinte:

Senhor... a bordo do navio... no Banco
da Terra Nova — Transporte Gil Eanes,
Lisboa.

As malas da correspondência postal do
Continente para os Bancos da Terra Nova
serão enviadas pela Administração Geral
dos Correios e Telegrafos para S. John's.
A correspondência postal entregue pelos
navios portugueses, pescando nos Bancos
da Terra Nova, ao «Gil Eanes» será por
este enviado para esta Administração.

O serviço radiotelegráfico será feito por
intermédio do «Gil Eanes», e do posto da
Companhia Portuguesa Rádio Marconi P.
Q. A. pela taxa de 0,95 francos, papel, por
palavra. Até nova ordem o franco papel
será cotado a \$76.

O endereço do serviço radiotelegráfico
para os navios portugueses nos bancos da
Terra Nova deverá ser o seguinte: Navio...
Banco Terra Nova.

Rafael MALAGUERRA

TEATRO MARIA VITÓRIA

TELEFONE N. 3644

Direcção artística de António de Macedo

HOJE-Sexta-feira, 20 de Maio-HOJE

2 sessões—2—A's 8.3/4 e 10.3/4

A revista triunfante de grande sucesso

REVIRAVOLTA

ampiada com o novo quadro

OPERA POPULAR

que alcançou um êxito extraordinário—Brilhante desempenho de 10én à Companhia

ENCHENTES SOBRE ENCHENTES

2—soberbos finais de acto—2

BREVEMENTE—A opereta portuguesa ori-
ginal de dr. Mário Monteiro

ESTRELA DALVA

Música da meia estrina brasileira D. Frau-
cisco Gonzaga,

AVISO—Estão suspensas as entradas de favor... e os bilhetes de convite.

EDEN TEATRO

TELEF. N. 3300

HOJE — HOJE

DUAS SESSÕES às 20,45 e 10,45

Com a representação da espi-
tuosa opereta em 3 actos

UM FILHO DE III CLASSE

Música cheia de colorido

Artística encenação

Desempenho admirável da com-
panhia de

ALMEIDA CRUZ

Preços populares

Lêde a «A BATALHA»

A BATALHA

DIÁRIO SINDICALISTA

20-5-1927

A semana da criança

(Continuação da 1.ª página)

O programa de cinema para hoje

Beato (Cine Pátria) às 15 horas. Escolas: 20, 71, 53, 54 e escolas: 6, 9, 13 e 32 da Voz do Operário. Universidade Popular—A's 11 horas, escola 52, às 12 h. e 30 m. Escolas 11 e 17 da Voz do Operário. A's 14 h., escola 13 (1.ª metade) às 15 h. e 30 m., escola 13 (2.ª metade), às 17 h., escola 23. Triângulo Vermelho (rua das Gaivotas), às 10 h., escolas 2 e 3. A's 11 h. e 30 m., escolas 8 e 18; às 13, escolas 29 e 30 da Voz do Operário. Salão de Pedrouços, às 13 h., escolas 63 e 64 e as de Algés e Dafundo e escola 13 da Voz do Operário. O cinema de Belém realizou ontem uma sessão a que concorreram as escolas de Belém e Ajuda.

O lanche aos pomos

A Sociedade Protectora dos Animais, tendo tido conhecimento do lanche aos pomos que as escolas do Sindicato da Construção Civil indicaram no seu programa de hoje, prontificaram-se amavelmente a ter para esse fim pacotes de milho nos seguintes locais: *Sucursais de O Século*, no Rossio; depósito de tabacos, largo do Corpo Santo, guarda do jardim, largo da Biblioteca, Associação dos Lácteos, largo do Museu de Artilharia, porta da Arquitetura, no Largo do Carmo.

Esta sociedade lembrou ainda que seria interessante as crianças visitarem o museu de objectos de tortura aos animais.

Dia da Confraternização

A Comissão de Lisboa avisou as Escolas que escolheram para local da confraternização o Jardim Zoológico, que devem comparecer para esse efeito no referido Jardim, hoje e não amanhã, em virtude do mesmo

mês opõe à ciência, nem esta àquele.

Mas, logo adiante, o senhor X. X. se contraíz, escrevendo acertadamente: «Razão e Fé têm os seus domínios que se não confundem... Logo mais adiante, volta, porém, a dizer o contrário: «A Religião e a Ciência, isto é, a Razão e a Fé, podem viver unidas... com os seus domínios bem separados. Aplicada esta lógica ao senhor X. X., poderia dizer-se: O senhor

pode coabitá com a senhora D. V. V., estando esta em Coimbra — e ele na Patagó-
nia.

As escolas que forem confraternizar no Jardim da Estrela, devem deixá-lo livre ao público às 15 horas.

A casa «Pathe Baby», que a pedido des-
ta Comissão se prontificou a filmar alguns
aspectos da «Semana da Criança» filmará
hoje e vários aspectos da confraternização das Escolas do Ensino Primário Geral, no Jardim Zoológico, e das do Ensino Infantil, na Tapada das Necessidades.

Amanhã, a mesma casa fará outro tanto no Jardim da Estrela e na Tapada da Ajuda.

As concentrações das escolas nestes dois últimos locais, mesmo para efeito da filmagem, deve fazer-se respetivamente até às 13 e 14 horas.

Na «Voz do Operário»

A's 16 horas, espetáculo infantil pelos alunos da Sociedade «Voz do Operário» com o seguinte programa: «A filha do Moço-leiro», «No río» e «Morangos», de Tomás Borba; «Um caso grave», comédia por D. Feio; «Só tu», do Cancioneiro Açoreano, de Tomás Borba; As poesias «Os Anos», por João de Deus; «Os passarinhos», por Afonso Lopes Vieira; «A cigarraria e a formiga»; Um bailado por um atuno do Conservatório. O programa deste espetáculo infantil foi elaborado pelo pessoal docente desta Sociedade.

Hoje, pelas 15 horas, serão distribuídas pelas crianças internadas no Hospital de São José diversas prendas.

Na enfermaria de Santa Joana do Hos-
pital de São José deu entrada Filomena de Je-
sus Gaspar, 50 anos, natural de Moimenta da Beira e residente na travessa do Pereiro, n.º 13, 1.º, que ao passar na rua das Gaivotas deu uma queda, resultando partir a perna esquerda.

Na enfermaria de Santa Joana do Hos-
pital de São José deu entrada Filomena de Je-
sus Gaspar, 50 anos, natural de Moimenta da Beira e residente na travessa do Pereiro, n.º 13, 1.º, que ao passar na rua das Gaivotas deu uma queda, resultando partir a perna esquerda.

Na enfermaria de Santa Joana do Hos-
pital de São José deu entrada Filomena de Je-
sus Gaspar, 50 anos, natural de Moimenta da Beira e residente na travessa do Pereiro, n.º 13, 1.º, que ao passar na rua das Gaivotas deu uma queda, resultando partir a perna esquerda.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

Pouco tempo após estas horas soaram, os trabalhadores começaram a afliuir à sede da Associação... e atrás dos primeiros vieram os polícias.

Na enfermaria de Santa Joana do Hos-
pital de São José deu entrada Filomena de Je-
sus Gaspar, 50 anos, natural de Moimenta da Beira e residente na travessa do Pereiro, n.º 13, 1.º, que ao passar na rua das Gaivotas deu uma queda, resultando partir a perna esquerda.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

No dia 16 de Junho, pelas 15 horas, será realizada a reunião da classe de 5.ª feira às 18 horas.

Grande Loteria de Santo António**A 18 de Junho****2:000.000\$00**

A venda bilhetes 520 escudos,
meios a 260 escudos e décimos
a 52 escudos e quadragéssimos
a 13 escudos, pelo correio mais

— um escudo —

Enviam-se bilhetes a todos os compradores

Casa de Cambio

D. E. GOUVEIA & SILVA

Suc. Manuel Alves da Silva Neves

84 — Rua da Assunção — 86

(PROXIMO A RUA DO OURO)

FÁBRICA

cierros, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —



RUA DO AMPARO

A sapataria mais económica de Lisboa

Telef. C. 3541

Por Julião Quintinha

Vizinhos do Mar 8\$00
Cavalcada do Sonho 8\$00
Terras de Fogo 8\$00
Dóis Vitoriosos (novela) 25\$

Por Ferreira de Castro

Sangue Negro 2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor 8\$00
A Peregrina do Mundo Novo 6\$00
F. Castro e E. Frias — A Boca da Estinge 8\$00

A venda na administração de "A Batalha"

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Loteria de Santo António

Extracção a 18 de Junho

PREMIO MAIOR**2.000:000\$00**

Bilhetes a 520\$00 — meios a 260\$00 — quartos 130\$00 — décimos 52\$00 — vigésimos 26\$00 — quadragéssimos 13\$00 — Cauteis 3\$00 — Pelo Correio mais 1\$00

PEDIDOS AOS CAMBISTAS

Campião & C.ª

Rua do Amparo, 116 — Lisboa

E antes que o delegado pudesse fazer qualquer re-
paro, Luis disse, dirigindo-se à assistência:

— Cidadãos: vai principiar a sessão. Primeiro,

falarei eu e, depois, poderão falar todos os que assim

o desejarem. Dizia eu, na minha proclamação, con-

vocando esta conferência, que não desejava ser depu-

tado, vereador, nem sequer vosso camarada. Não de-
sejo ser coisa alguma com alguém ou só. Quero ser

eu mesmo, que é o máximo a que um homem pode

aspirar. Meu vassalo e meu rei; meu presidente, meu

representante e meu companheiro. Fóra de mim, iguais;

a dentro de mim, nem iguais, tampouco.

— Que bem fala! — disse: uma voz de pú-
blico.

— Não se lhe entende uma palavra, exclamou

outro.

— Se alguém não me comprehende — replicou Luis

— não será porque seja de curto alcance, senão por

ser eu pouco claro de palavra.

— Devia o ter dito antes! — gritou ainda outro, de

entre a assistência.

— Quem não sabe não se mete em luxos! — re-

plicou um outro.

— Rogo me desculpem os defeitos — exclamou

Luis com certa rispidez — e aproveitem o pouco que

eu saiba dizer claramente.

— Adiante contigo mesmo! — interrompeu um ope-

rário.

— Nunca fui como sou agora — continuou o orador

— nem já mais pensei como penso hoje. Eu julgava

que os políticos se preocupavam com a sorte do povo

e a elos ofereci primeiro o meu concurso para a rege-

neração do mundo a começar pela regeneração da

Espanha. Pensei que os sábios viviam para cultivar e

engrandecer as almas, e aos sábios ofereci as minhas

ideias e os meus projectos gratuitamente. Acreditei

que os artistas tinham por fim, ao conceber e ex-

cutar as suas obras, a beleza e grande emoção do pú-
blico. Porém, hoje, os factos desenganaram-me e di-

zem-me que todos procuram as suas conveniências. Só

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%!

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00
Sapatos em verniz 38\$00
Botes pretos (grande salão) 48\$50
Botes pretos (salão) 48\$50
Grandes sapatos de botinas pretas 58\$50
Botes de couro para homem 68\$50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Vá bem, pois só lá encontra boas e baratas.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,

12-20, com filial na mesma rua, n.º 45.

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando

Narciso — 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 h.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 h.

Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — II e às 5 h.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loft — II.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 h.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 h.

Doenças das senhoras — Dr. C. Afonso — 2 h.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 h.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 h.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Raio X — Dr. Aleu Saldaña — 1 horas.

Análises — Dr. Gabriel Beato — 4 horas.

A EPOPEIA DO TRABALHO

POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de

Roberto Nobre

Espírito-livro, que é um verdadeiro

hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.

A venda nas livrarias, no preço de 6\$00 e,

à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Car-

doso, editor. Rua dos Poiais de São Bento,

27 e 29 e à Administração de "A Batalha",

calcada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa —

Portugal.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela

intitulada "Laude Amor" por Elias Garcia.

Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de

"A Batalha".

Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses

Serviço especial por motivo da feira e tou-

radas em Vendas Novas

Nos dias 20 a 22 de Maio de 1927

Por este motivo realizar-se-há nos dias

20 e 22 do corrente um comboio especial

de Vendas Novas a Setil com a seguinte

marcha:

Vendas Novas, P. 21-30; Canha, C. 21-59,

Lavre, 22-17; São Torcato (ap.), 22-36; Quin-

ta Grande, 23-03; Coruche, 23-15; Agolada

(ap.), 23-36; Marinhas, 0-08; Muge, 0-27;

Morgado (ap.), 0-34; Setil, 0-45.

Lisboa, 11 de Maio de 1927. — O Director

Geral da Companhia, Ferreira de Mes-

quita.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

AVISO AO PÚBLICO

Encarregue-se da execução de

todos os trabalhos que digam res-

peito à sua indústria, tais como:

edificações, reparações, limpe-

zas, construção de fornos em to-

dos os géneros, jazigas e em todos

os géneros, fogões de sala, xa-

drões, frentes para estabelecimen-

tos e todos os trabalhos em can-

tarias e mármores de todas as pro-

veniências.

Telephone — 539 Trindade

Escritório:

Galiza do Combro, 38-A, 2.º

Eduardo

creio agora nos que trabalham e marqui esta reunião

para que me ajudeis e para vos auxiliar.

— Pilhei-te, besugo! — gritou um operário.

— Temos candidato! — exclamou outro concorrente.

— Tenho dito — acrescentou Luis — que não desejo

ser mais do que eu próprio.

— Mas, bem, porque é que nos impinge um dis-

curso? — replicou um trabalhador.

— Estamos fartos de «pilhas»! — gritou outro.

— Isto querer comer que trabalho! — observou um

terceiro.

— Eu trabalho e, além disso, nada vos peço! —

retorquiviu Luis.

— Também nada pede pelas curas um curandeiro

que eu conheço, mas depois vende os específicos a

preços fabulosos.

— Eu não vendo específicos de qualidade alguma.

— Específicos serão, neste caso, os meios de que

se serve para curar a nossa pobreza! — observou um

trabalhador.

